2022

03.04 —
04.06

QUE SEJAM MUITAS
AS MANHÃS DE VERÃO

SUPERFÍCIE

José
Leonilson

Lisette Lagnado

Argumento

Como redescobrir, três décadas depois, alguém tão familiar?

O título "Que sejam muitas as manhãs de Verão" foi inspirado de um verso do poema *Ítaca* de Konstantino Kaváfis (1863-1933). Seu escopo: explorar afinidades do imaginário identitário entre o poeta alexandrino, que elegeu o idioma grego para justapor Poesia e História, e o artista de origem cearense José Leonilson (1957-1993).[1] Um conjunto de mais ou menos vinte obras (desenhos, pinturas, bordados e objetos) retoma o final da entrevista concedida pouco antes de sua morte. Abrindo páginas ao acaso, Leonilson leu-me naquela ocasião *Percepção, Ao Pé da Casa* e *A Origem*. Acho que talvez estivesse mais preparada para ouvir *À Espera dos Bárbaros*...

Aqui, a exposição optou por quatro poemas diferentes, impressos em folhas soltas, recurso que o próprio Kaváfis utilizava.[2] Desse modo, sigo falando com você, Leo.

Enredos

Muito já se escreveu acerca da interioridade e subjetividade de José Leonilson, vitimado na sociedade dos anos 1980-90 por causa de VIH-Sida, cuja breve carreira se fez entre São Paulo e diversas cidades europeias. Andarilho, considerado por vezes inacessível, entregou-se ao desejo hedonista do aprendizado permanente, movido pelo exercício da curiosidade. Cafés, clubes, festas, livrarias, exposições. Sempre em busca de "outra terra, outros mares", "outras cidades melhores do que esta",[3] curtia longas temporadas fora de casa — donde Ítaca como metáfora de uma jornada existencial, rica em experiências vividas em regiões desconhecidas.

Enquanto "errante e navegante", deve ter esbarrado na letra de Caetano, outro autor do exílio, o exílio político. Celebrado na chave generalista da Geração 80, cujo sucesso coincide com o final da ditadura militar, Leonilson alcançou a posição de artista *cult*, agregando novas gerações e verdadeira comunidade. Este feito já o aproxima de Kaváfis, igualmente venerado em círculos especialíssimos, a despeito de não ter publicado nada em vida.

NOTAS

1
A poesia kavafiana foi traduzida em português por José Paulo Paes, Jorge de Sena, Theon Spanudis, Haroldo de Campos, entre muites. O verso que dá o título à exposição tem outras versões: "Numerosas serão as manhãs de verão" (José Paulo Paes), "... que, múltiplas se sucedam as manhãs de verão" (Haroldo de Campos), "Que numerosas sejam as manhãs estivais" (Ísis Borges da Fonseca), entre outras. A versão de Jorge de Sena foi escolhida para o título por sua fluência.

2
Cf. L. Lagnado, "A Dimensão da Fala", in: *Leonilson. São Tantas as Verdades*, 1ª. edição. São Paulo: Galeria de Arte do SESI, Projeto Leonilson (pp. 133-134).

3
Cf. K. Kaváfis, "A Cidade", 1910.

4
Cf. K. Kaváfis, "Percepção", 1918. Leonilson possuía a versão portuguesa editada em Coimbra, com prefácio, comentários e notas de Jorge de Sena.

Interessa examinar, dilatar e interpretar uma complexa condição de não pertencimento, comparável ao desterro, decorrente do fato de ter nascido em Alexandria dentro de uma comunidade grega; bem como atinar que Kaváfis é o poeta que Leonilson seguiu lendo enquanto produzia pequenos e sublimes trabalhos no temerário combate à doença. Suas águas recebem os sonhos e as ilusões de efebos — rapazes, mas poderíamos dizer também pessoas imaginárias.

Leonilson foi extremamente sensível à grandeza estética do sagrado, traduzindo a volúpia de um ambiente habitado por ânforas, candelabros, cetros e luzes, o que não o impediu de denunciar ensinamentos disfarçados de falsa moral pela Igreja. Formado dentro da liturgia do cristianismo, fez uso desde cedo de uma vasta iconografia (peixes, crucifixos, flores, asas de anjos da guarda, coração de Jesus, pobre Sebastião...). Soma-se um repertório visual de flores, pedras, liras e coroas, pontes, rios, aviões, barcos e remos, que ampliou o espectro da fé na invocação de outros deuses, os da Grécia antiga — esses "deuses que não admitem qualquer competição com eles" na glorificação da juventude e da imortalidade.

Um Eros vertiginoso

O arco temporal das obras de Kaváfis e Leonilson mergulha nos "anos da mocidade, anos devassos", para reiterar a atualidade de seu sentido para o presente.[4] Imperam fantasias libidinosas, porém cheias de ambivalência: escolher a implacável rotina ou o equilíbrio precário, entrega total à vertigem de Eros (o sujeito de cabeça para baixo, em queda livre) e suportar a melancolia da efemeridade dos encontros corporais? No desenho *Tema da manhã* (c. 1991), imagina-se por exemplo que a distância física será compensada pelo valor metonímico da mão habilidosa, sensualidade cifrada.

Arrependimentos, assunto recorrente para ambos, não conseguirão contudo arrefecer os lampejos eróticos, literalmente avassaladores. Uma ciranda de violentas emoções — em que as manhãs de Verão parecem intensificar a delícia e a dor (nessa ordem) da chegada "a portos vistos pela primeira vez"— toma de assalto o peregrino. A espera e o segredo consomem sua vida interior, órgão por órgão — traqueia, pulmão, coração, esôfago, estômago, intestino, bexiga, reto (*As Ruas da Cidade*, c. 1988). Um Kaváfis já experiente registra que "a cidade te seguirá" e "retornarás às mesmas ruas". Sem rota de fuga. Fatal, da sofreguidão do gozo não se escapa. Fome e gula se entrelaçam em versos concomitantes, vasos comunicantes. Para driblar o alçapão da hipocrisia da sociedade que os circunda, poeta e artista enveredam por labirintos e abismos favoráveis aos encontros clandestinos. Travam-se "jogos perigosos", nas palavras de Leonilson, equivalentes a uma conflagração armada: "não são guerra | nem estão no mar ou no espaço | mas por detrás de óculos | e um par de jeans." A sublimação atinge o ápice na pequena série de desenhos *Dedicados* (1991), de alta qualidade de síntese.

Leonilson sabia de si e projetou seu destino na trama da Odisseia, requalificando a condenação em emancipação, para virar um Ulisses dono de sua narrativa, aguerrido pela caminhada contra a covardia. De uma margem à outra dessa cruzada, por meio de uma paisagem de templos, ruínas e desertos, encarnou a missão do "pastor", cercado de seguidores, devotos, fiéis, e filhos. Quanto mais demorada a travessia, mais fartas e férteis as aventuras. Sabedoria que somente o deslocamento proporciona. Basta contabilizar que cinco anos separam *O Pescador de palavras* (1986) do *Pescador de pérolas* (1991). Transvaloração do Verbo.

A densidade intimista que singulariza as anotações pictóricas de Leonilson eleva essa escrita a uma rara categoria no campo da cultura homoerótica masculina brasileira, altamente reprimida pela recepção crítica, ao menos até o final do século passado. Se é bem verdade que a modulação autobiográfica da linguagem será o farol responsável pela orientação do fluxo das palavras e dos signos, não abusemos dela porque a beleza do "contingente, transitório e fugidio" (Baudelaire) se renova a cada leitura. Ítaca, origem e destino confundidos. Porto seguro para as musas.

Lisette Lagnado

Abstract

Three decades later, how do we rediscover someone so familiar?

The title "May there be many a summer morning" was inspired by a verse from *Ithaca*, a poem by Konstantino Kavafis (1863-1933). Its scope: to explore the affinities in identity imagery between the Alexandrian poet, who chose the Greek language to juxtapose Poetry and History, and the artist José Leonilson (1957-1993), born in Brazilian state of Ceará.[1] A set of about twenty works (drawings, paintings, embroidery and objects) retrieves the end of the interview given shortly before his death. At that time, Leonilson read me randomly opened pages: *Understanding, At the Foot of the House* and *Their beginning*. I think I was perhaps more prepared to hear *Expecting the Barbarians*...

Accompanying the exhibited works, four different poems are printed on loose sheets, a resource used by Kavafis himself.[2] This way, I keep talking to you, Leo.

NOTES

1
Kavafian poetry was translated into Portuguese by José Paulo Paes, Jorge de Sena, Theon Spanudis, Haroldo de Campos, among others. There are other versions of the exhibition's title; we chose Jorge de Sena's for its fluency. [Translator's Note: Edmund Keeley's translation was used for the English title]

2
See L. Lagnado, "The Dimension of Speech", in: *Leonilson. So Many Are the Truths*, 1st edition. São Paulo: Galeria de Arte do Sesi, Projeto Leonilson (pages 133-134).

3
See K. Kavafis, "The City", 1910.

4
A reference to celebrated composer and singer Caetano Veloso, whose song *Terra* [Earth] speaks of the travelers' incessant yearning for the land they left behind. (Translator's Note)

5
See K. Kavafis, "Understanding", 1918. Leonilson owned the Portuguese version published in Coimbra, with a preface, comments and notes by Jorge de Sena.

Plots

Much has been written about the interiority and subjectivity of José Leonilson, a casualty of the fight against HIV/AIDS in the context of the society of the 1980's and 1990's, whose brief career unfolded between São Paulo and several European cities. A wanderer, considered by many to be inaccessible, he surrendered to the hedonistic desire of permanent learning, driven by insatiable curiosity. Cafés, clubs, parties, bookstores, exhibitions. Always searching for "another country, another shore", "another city better than this one"[3], he enjoyed long periods away from home — hence Ithaca as a metaphor for an existential journey loaded with experiences lived in unknown regions.

As a "wandering navigator", he must have chanced upon Caetano's lyrics, written by another exiled author, a political exile.[4] Celebrated in the dabbling style of Geração 80 [the 80's Generation], whose success coincided with the end of the military dictatorship, Leonilson achieved the status of a cult artist, attracting new generations and forming a community. This position likens him to Kavafis, who is also revered in very special circles, despite not having published one single poem during his lifetime.

One would do well to examine, interpret and expand on Kavafis' exile-like complex condition of non-belonging, which resulted from his birth in Alexandria within a Greek community; one should also consider that Kavafis is the poet that Leonilson read continuously while producing small and sublime works in his strenuous fight against the disease. Their waters welcome the dreams and illusions of ephebes — young men, but we could also call them imaginary people.

Leonilson was extremely sensitive to the aesthetic grandeur of the sacred, translating the voluptuousness of an environment inhabited by amphorae, candelabra, scepters and lights; yet this did not prevent him from denouncing teachings disguised as false morals by the Church. Raised within the liturgy of Christianity, from an early age, he made use of a vast iconography (fish, crucifixes, flowers, wings of guardian angels, heart of Jesus, poor Sebastian...). In addition, a visual repertoire of flowers, stones, lyres and crowns, bridges, rivers, planes, boats and oars, widened the spectrum of faith in evoking other gods, those of ancient Greece — those "gods that bear no competition" in the glorification of youth and immortality.

Vertiginous Eros

The temporal arc of Kavafis' and Leonilson's works delves into the "loose living of [their] early years" to reiterate the relevance of its meaning for the present.[5] Libidinous fantasies abound, albeit full of ambivalence: to choose implacable routine or precarious balance, a total surrender to the vertigo of Eros (the subject upside down, in free fall), and to endure the melancholy of ephemeral bodily encounters? In the drawing *Tema da manhã* [Subject of the morning] (c. 1991), one imagines, for example, that physical distance will be compensated by the skilled hand's metonymic value, in coded sensuality.

Regrets, a recurring theme for both, will however be unable to assuage the literally overwhelming erotic flashes. A roundabout of violent emotions — in which summer mornings seemingly intensify the delight and pain (in that order) of arriving "at ports seen for the first time" — takes the pilgrim by storm. Waiting and secrecy consume his inner life, organ by organ — trachea, lung, heart, esophagus, stomach, intestine, bladder, rectum (*As Ruas da Cidade* [City Streets], c. 1988). An experienced Kavafis records that "the city will always pursue you" and "you will always end up in this city". No escape route.

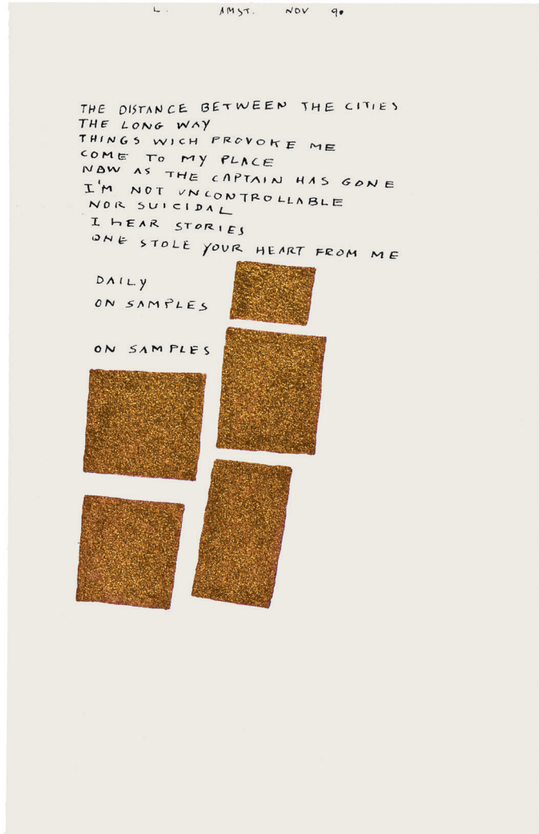
Fatal, ravenous pleasure is unavoidable. Hunger and gluttony intertwine in concurrent verses and communicating vessels. To circumvent the trapdoor of hypocrisy of their environment, both the poet and the artist sneak through labyrinths and pits that favor their clandestine meetings. "Dangerous games" are fought, as Leonilson said several times, as if in armed conflagration: "they are no war | nor are they at sea or in space | but behind eyeglasses | and a pair of jeans." Sublimation reaches its apex in the little *Dedicados* [Dedicated] series of drawings (1991), with its high quality of synthesis.

Leonilson knew himself well and projected his destiny into the plot of the Odyssey, requalifying his condemnation into emancipation to master his narrative as Ulysses, empowered by his walk against cowardice. Throughout this crusade, amidst a landscape of temples, ruins and deserts, he embodied the mission of the "pastor", surrounded by followers, devotees, faithful, and children.
The longer the crossing, the more abundant and fertile the adventures. Wisdom that only displacement provides. Suffice to say that five years separate *O Pescador de Palavras* [The Word Fisher] (1986) from *Pescador de Pérolas* [Pearl Fisher] (1991). A transvaluation of the Word.

The intimate density that distinguishes Leonilson's pictorial notes elevates his writing to a rare category in the field of Brazilian male homoerotic culture — which was, at least until the end of the last century, highly repressed by its critics. While it is true that the autobiographical modulation of language is the beacon that guides the flow of words and signs, let us not abuse it, for the beauty of the "contingent, transitory and elusive" (Baudelaire) is renewed with each reading. Ithaca, origin and destination merged. A safe haven for the muses.

Na Rua

O rosto atraente um pouco pálido,
os olhos castanhos como que afundados,
vinte e cinco anos, mas parece ter vinte,
um toque de boémia no vestir
— cores da gravata, o corte da camisa —,
e sem destino pela rua vai
como que hipnotizado ainda pelo gozo,
o gozo proibido que fruiu tão pleno.[1]

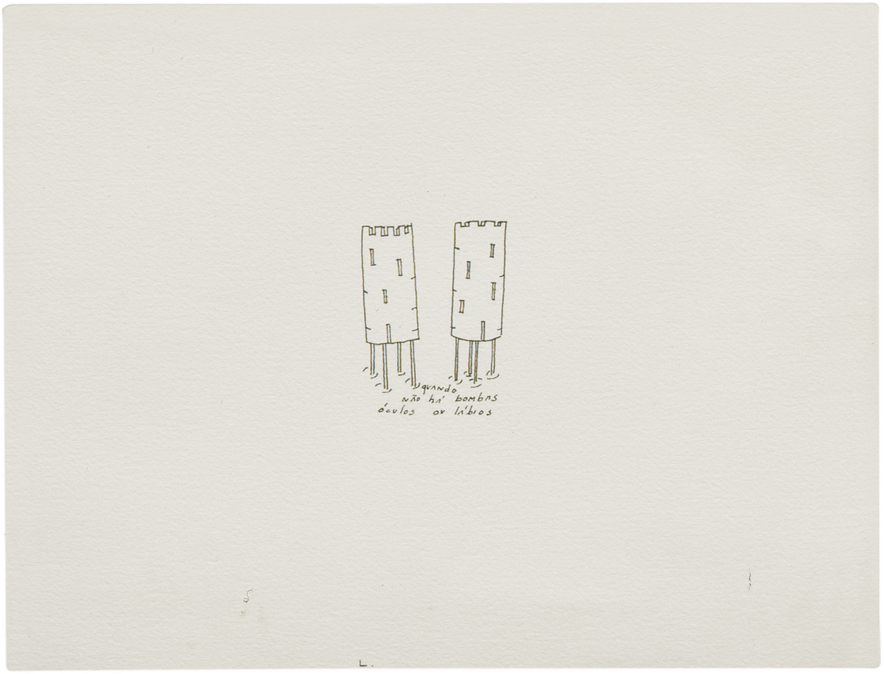


[QUANDO NÃO HÁ BOMBAS, ÓCULOS OU LÁBIOS], C. 1989

TINTA DE CANETA PERMANENTE SOBRE PAPEL

26,3 X 33,6 CM

7

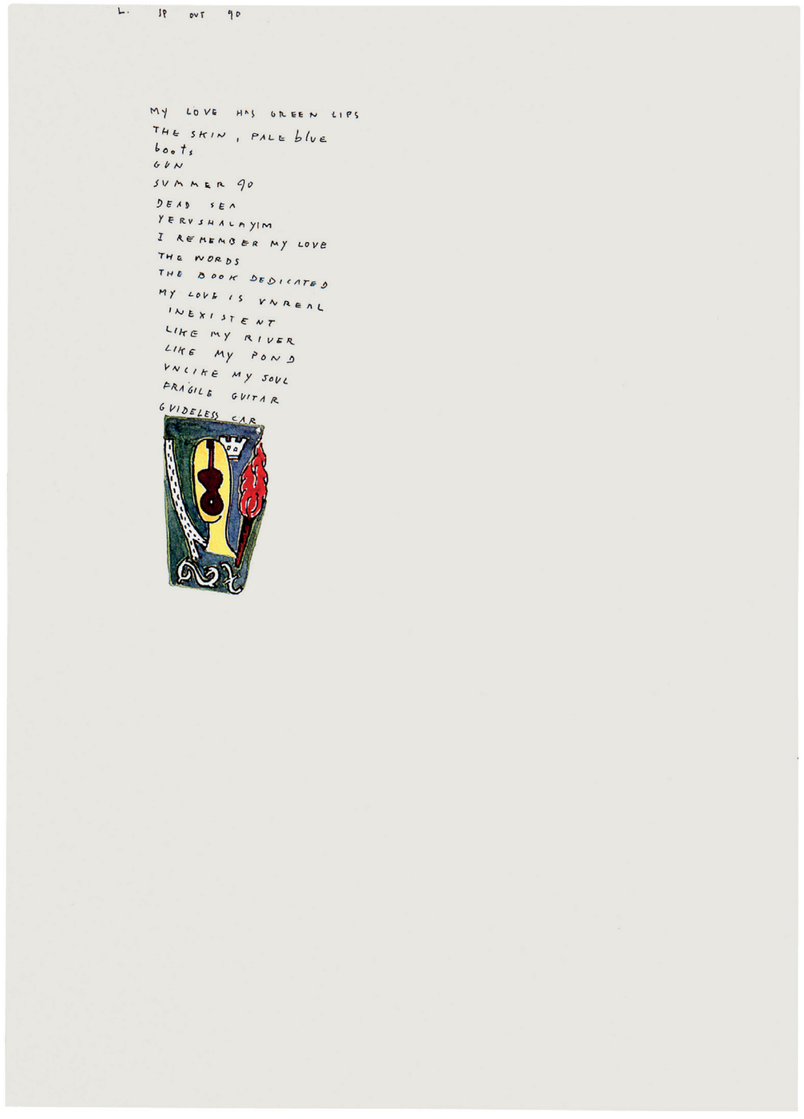


[MY LOVE HAS GREEN LIPS], 1990

TINTA DE CANETA PERMANENTE E AQUARELA SOBRE PAPEL

35 X 25 CM

8

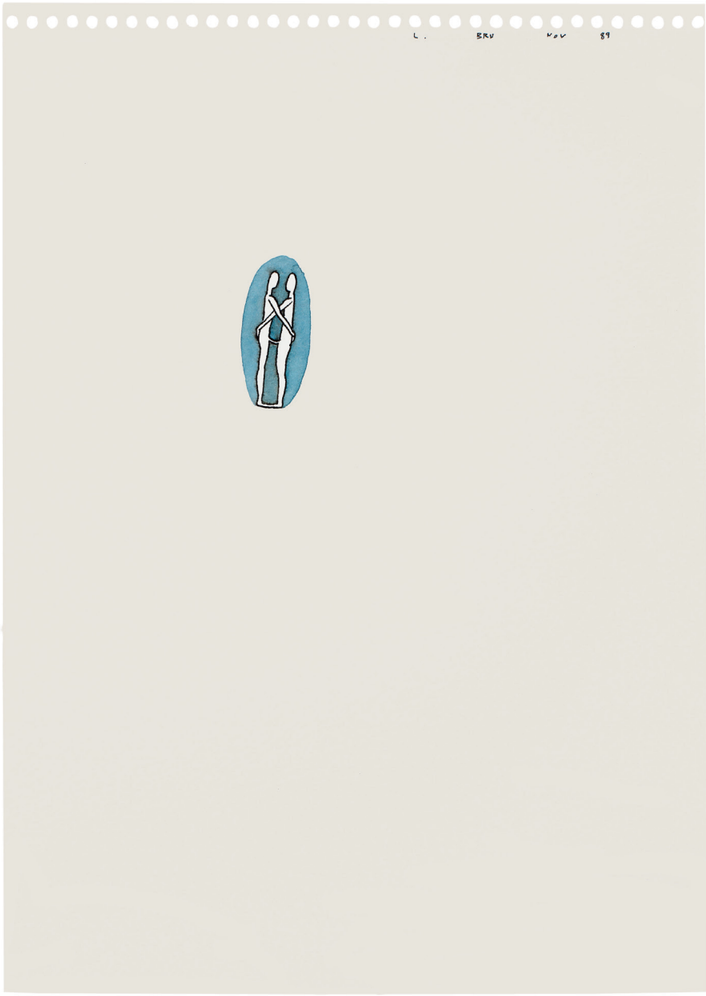


SEM TÍTULO, 1989

TINTA DE CANETA PERMANENTE
E AQUARELA SOBRE PAPEL

30 X 21 CM

9

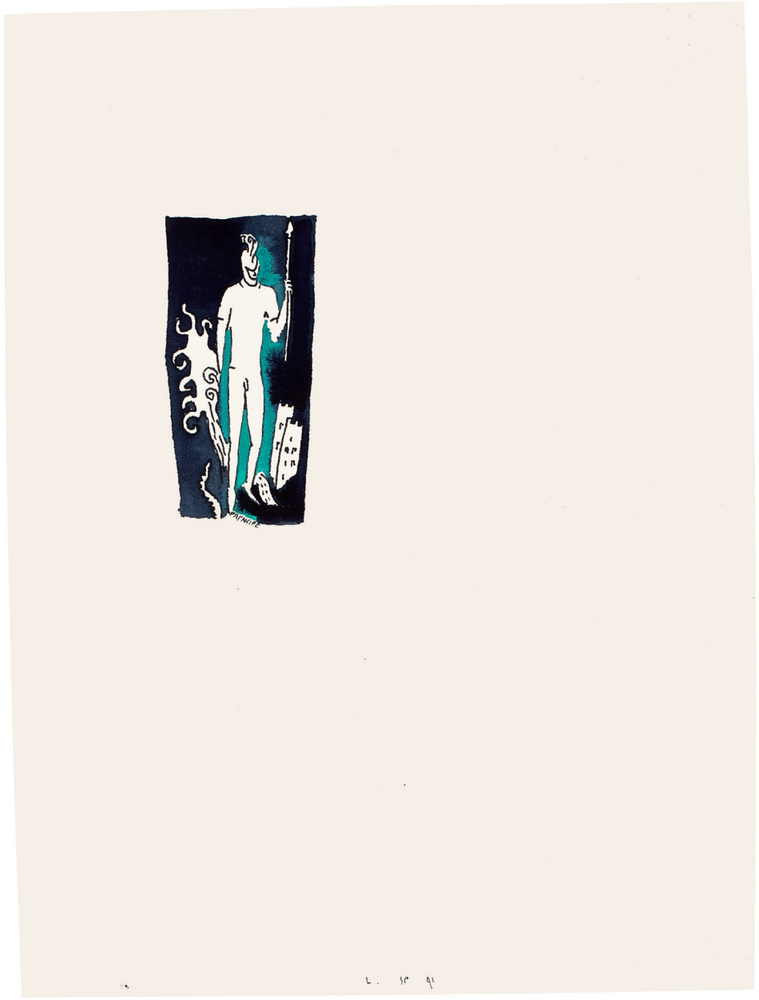


PRÍNCIPE
(DA SÉRIE OS DEDICADOS), 1991

TINTA DE CANETA PERMANENTE
E AQUARELA SOBRE PAPEL

30,5 X 23 CM

10

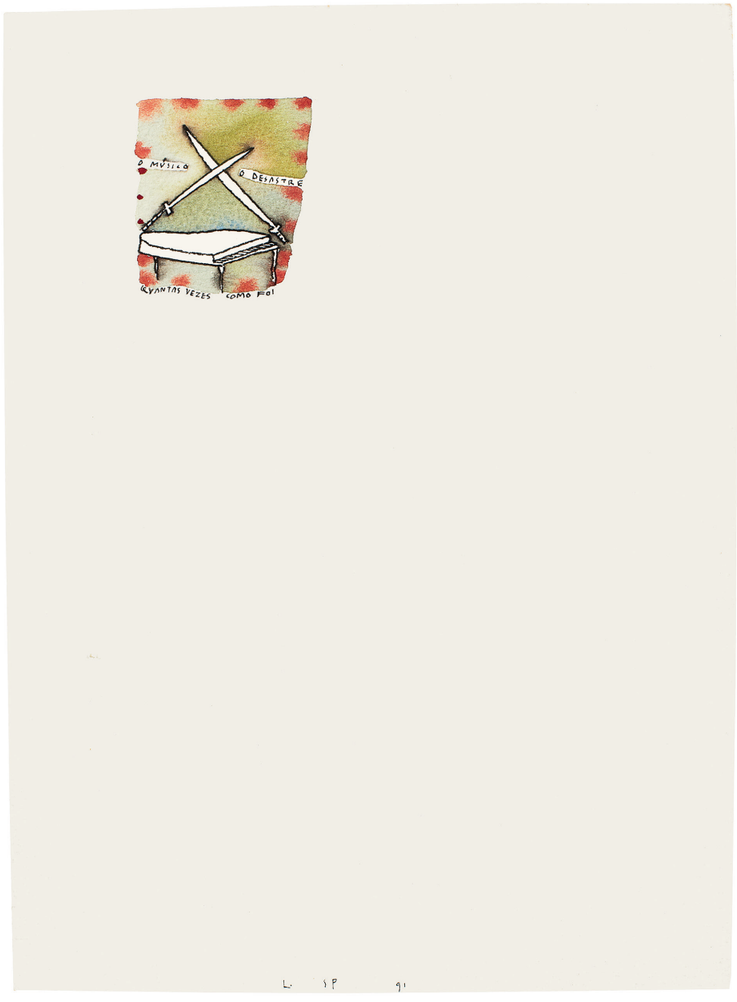


O MÚSICO
(DA SÉRIE OS DEDICADOS), 1991

TINTA DE CANETA PERMANENTE
E AQUARELA SOBRE PAPEL

30,5 X 23 CM

11



PURE FREUDE
(DA SÉRIE OS DEDICADOS), 1991

TINTA DE CANETA PERMANENTE
E AQUARELA SOBRE PAPEL

30,5 X 23 CM

12

SEM TÍTULO, 1991

TINTA DE CANETA PERMANENTE
SOBRE PAPEL

32 X 24 CM

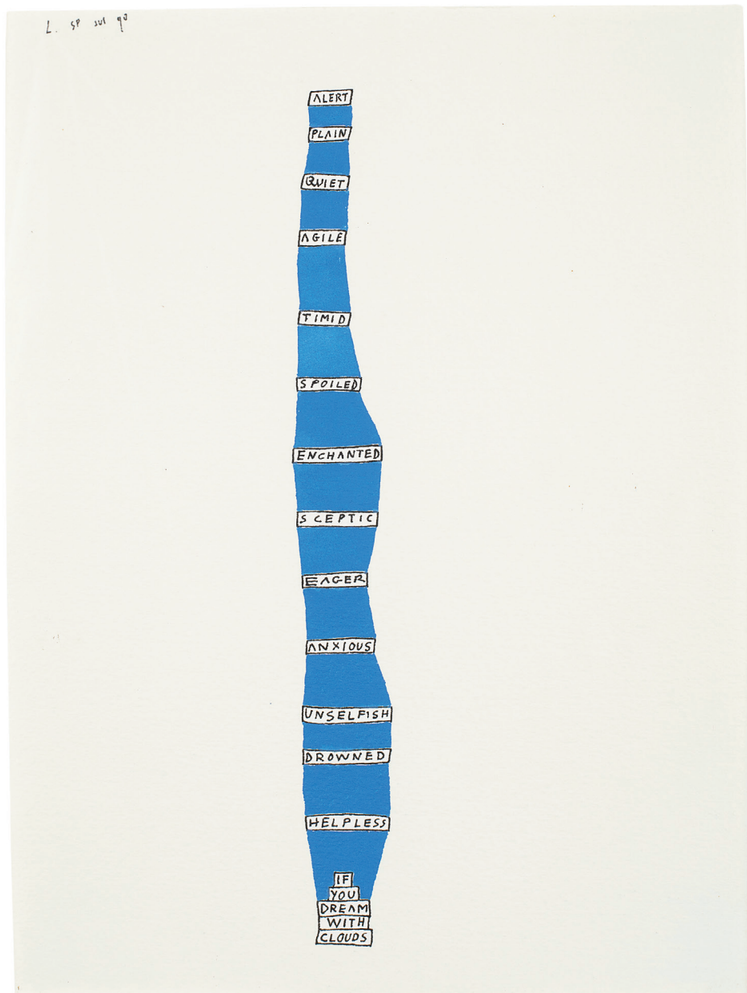
13

[IF YOU DREAM WITH CLOUDS]
(SIC), 1990

TINTA DE CANETA PERMANENTE
E GUACHE SOBRE PAPEL

30 X 23,5 CM

14



A Bordo

Claro que é parecido este pequeno
retrato dele, a lápis.

Feito num momento, no convés do barco,
numa tarde encantadora .
O mar da Jónia a rodear-nos.

Parece-se com ele. Não era ele mais belo?
Sensível era a ponto de sofrer —
o que seu rosto iluminava.
Mais belo me aparece, agora que,
fora do Tempo, eu o recordo n'alma.

Fora do Tempo. Tudo isto é muito antigo —
o desenho, e o navio, e o entardecer.[2]

TINTA ACRÍLICA E TINTA METÁLICA,
SOBRE LONA, GRAMPO E BARBANTE
SOBRE LIVRO

25 X 17 X 5 CM

BRVCKE
HAUS
RABABA

PONTE, [1982] MADEIRA POLICROMADA 12,3 X 177 X 16 CM

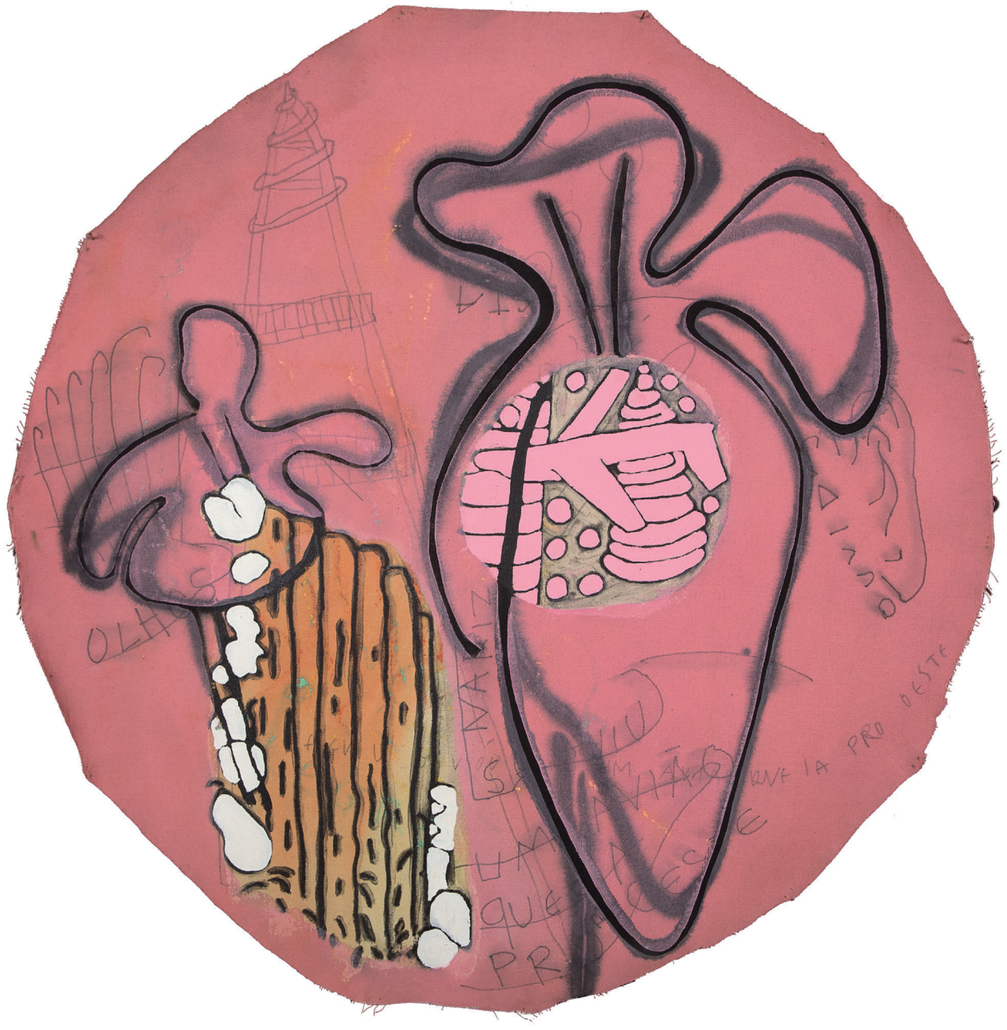
UPTIGHT, 1986

TINTA ACRÍLICA, LÁPIS DE COR
E RECORTE SOBRE LONA

100 X 204 CM

Desejos

Como corpos belos dos que morrem sem ter envelhecido
— e são guardados, em lágrimas, num mausoleu magnífico,
com rosas na fronte e com jasmins aos pés —
assim os desejos são, desejos que esfriaram
sem serem consumados, sem que um só fruísse
uma noite de prazer, ou uma aurora que a lua ainda ilumina[3]

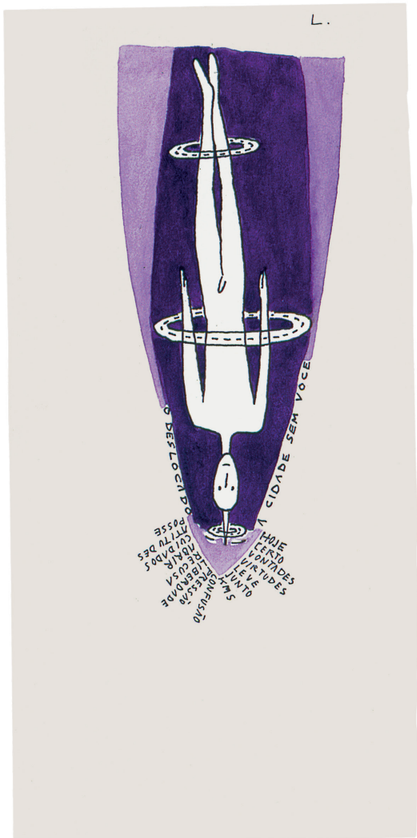


[O DESLOCADO], C. 1989

TINTA DE CANETA PERMANENTE
E AQUARELA SOBRE PAPEL

24 X 11,5 CM

25

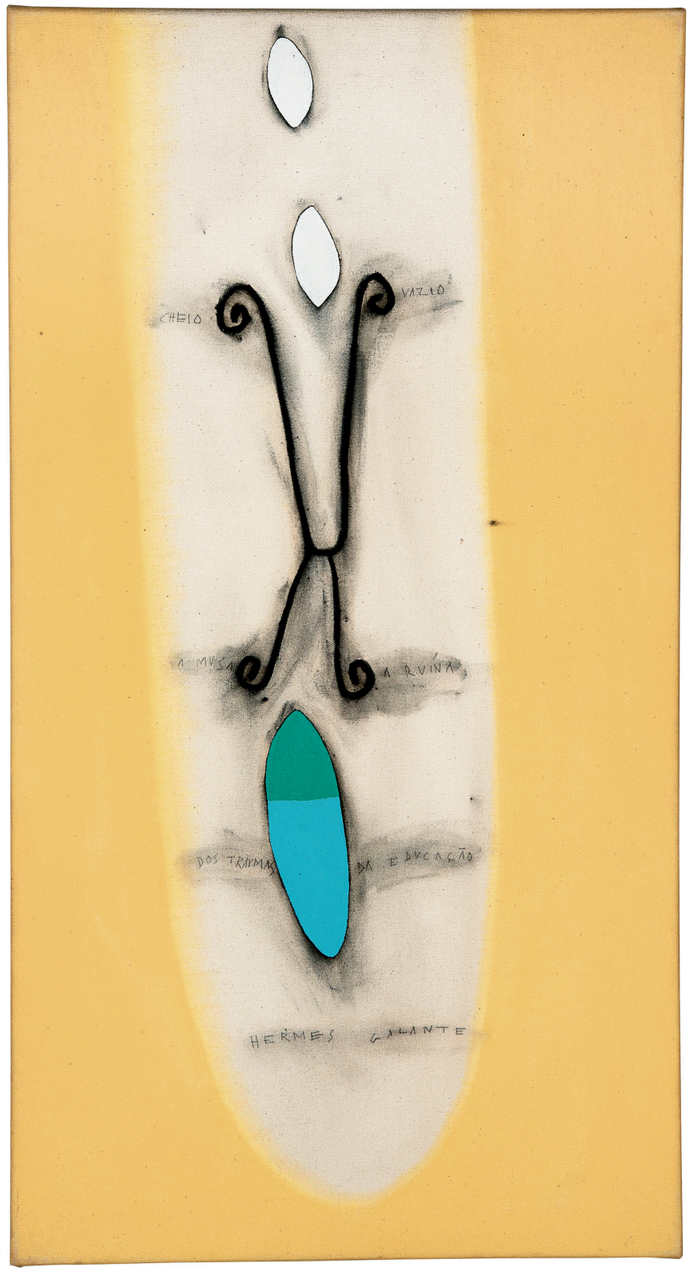


[CHEIO; VAZIO], 1992

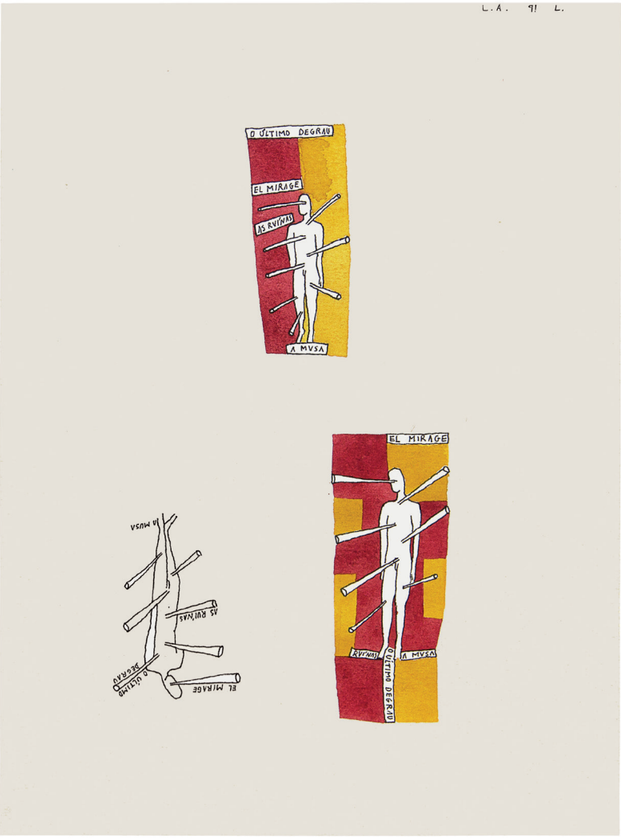
TINTA ACRÍLICA E LÁPIS
SOBRE TELA

115 X 62 CM

26



[EL MIRAGE], 1991 | TINTA DE CANETA PERMANENTE E AQUARELA SOBRE PAPEL | 30,5 X 23 CM



[GRANDE CÍRCULO DO QUAL NÃO PODEMOS ESCAPAR], 1988 | TINTA ACRÍLICA SOBRE LONA | 43,5 X 47,3 CM

SUBJECT OF THE MORNING, C. 1991

TINTA DE CANETA PERMANENTE
E AQUARELA SOBRE PAPEL
RECORTADO COLADO SOBRE PAPEL

22 X 17 CM

29

SEM TÍTULO, 1990

TINTA ACRÍLICA SOBRE TELA
TECIDO DE ALGODÃO

140,5 X 75 CM

30

Ítaca

Quando partires de regresso a Ítaca,
deves orar por uma viagem longa,
plena de aventuras e de experiências.
Ciclopes, Lestrogónios, e mais monstros,
um Poseidon irado — não os temas,
jamais encontrarás tais coisas no caminho,
se o teu pensar for puro, e se um sentir sublime
Ciclopes, Lestrogónios, e outros monstros,
Poseidon em fúria — nunca encontrarás,
se não é na tua alma que os transportes,
ou ela os não erguer perante ti.

Deves orar por uma viagem longa.
Que sejam muitas as manhãs de Verão,
quando, com que prazer, com que deleite,
entrares em portos jamais antes vistos!
Em colónias fenícias deverás deter-te
para comprar mercadorias raras :
coral e madrepérola, âmbar e marfim,
e perfumes subtis de toda espécie :
compra desses perfumes quanto possas.
E vai ver as cidades do Egipto,
para aprenderes com os que sabem muito.

Terás sempre Ítaca no teu espírito,
que lá chegar é o teu destino último.
Mas não te apresses nunca na viagem.
É melhor que ela dure muitos anos,
que sejas velho já ao ancorar na ilha,
rico do que foi teu pelo caminho,
e sem esperar que Ítaca te dê riquezas.

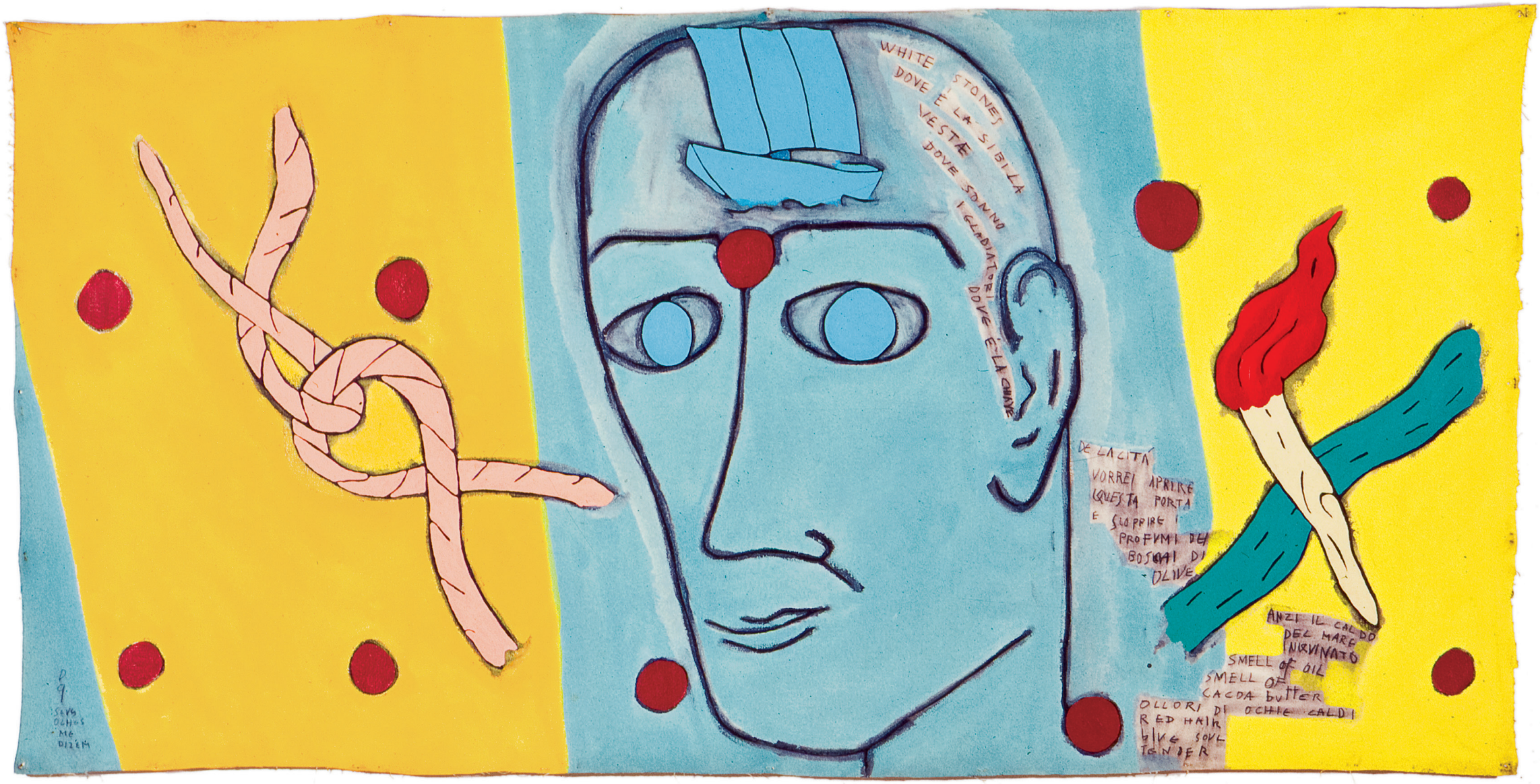
Ítaca deu-te essa viagem esplêndida.
Sem Ítaca, não terias partido.
Mas Ítaca não tem mais nada para dar-te.

Por pobre que a descubras, Ítaca não te traiu.
Sábio como és agora, senhor de tanta experiência,
terás compreendido o sentido de Ítaca.[4]

O Q. SEUS OLHOS ME DIZEM, C. 1989

TINTA ACRÍLICA SOBRE LONA

101 X 203 CM



UM ATALHO, 1988

TINTA ACRÍLICA E LÁPIS DE COR
SOBRE LONA

210 X 105 CM

In the street

His attractive face a bit pale,
his chestnut eyes looking tired, dazed,
twenty-five years old but could be taken for twenty,
with something of the artist in the way he dresses
— the color of his tie, shape of his collar —
he drifts aimlessly down the street,
as though still hypnotized by the illicit pleasure,
the very illicit pleasure that has just been his.[5]

On Board Ship

It's like him, of course,
this little pencil portrait.

Hurriedly sketched, on the ship's deck,
the afternoon magical,
the Ionian Sea around us.

It's like him. But I remember him as better looking.
He was sensitive almost to the point of illness,
and this highlighted his expression.
He appears to me better looking
now that my soul brings him back, out of Time.

Out of Time. All these things are from very long ago—
the sketch, the ship, the afternoon. [6]

Longings

Like the beautiful bodies of those who died before
[they had aged,
sadly shut away in a sumptuous mausoleum,
roses by the head, jasmine at the feet —
so appear the longings that have passed
without being satisfied, not one of them granted
a night of sensual pleasure, or one of its radiant
[mornings.[7]

Ithaka

As you set out for Ithaka
hope the voyage is a long one,
full of adventure, full of discovery.
Laistrygonians and Cyclops,
angry Poseidon—don't be afraid of them:
you'll never find things like that on your way
as long as you keep your thoughts raised high,
as long as a rare excitement
stirs your spirit and your body.
Laistrygonians and Cyclops,
wild Poseidon—you won't encounter them
unless you bring them along inside your soul,
unless your soul sets them up in front of you.

Hope the voyage is a long one.
May there be many a summer morning when,
with what pleasure, what joy,
you come into harbors seen for the first time;
may you stop at Phoenician trading stations
to buy fine things,
mother of pearl and coral, amber and ebony,
sensual perfume of every kind—
as many sensual perfumes as you can;
and may you visit many Egyptian cities
to gather stores of knowledge from their scholars.

Keep Ithaka always in your mind.
Arriving there is what you are destined for.
But do not hurry the journey at all.
Better if it lasts for years,
so you are old by the time you reach the island,
wealthy with all you have gained on the way,
not expecting Ithaka to make you rich.

Ithaka gave you the marvelous journey.
Without her you would not have set out.
She has nothing left to give you now.

And if you find her poor, Ithaka won't have fooled you.
Wise as you will have become, so full of experience,
you will have understood by then what these Ithakas mean.[8]

Realização | Conceveing
Galeria Superfície

Diretor | Director
Gustavo Nóbrega

Curadora | Curator
Lisette Lagnado

Produção | Production
Julia Lara Lima
Tiê Higashi

Tradução e Revisão |
Translation and Proofreading
[nota de abertura] | [opening note]

Alberto Dwek
Jan Fjeld

Informações | Information
info@galeriasuperficie.com.br

Agradecimentos | Acknowledgements

Agustín Pérez Rubio
Eduardo Brandão
Jan Fjeld
Marcos Moraes
Princeton University Press
Projeto Leonilson

Nossos mais sinceros agradecimentos a todas as pessoas e coleções privadas que tornaram esse projeto possível.

Our most sincere gratitude to all the people and private collections that have made this project possible.

Créditos Fotográficos | Photo Credits

Capa | Cover
Gui Gomes

Projeto Leonilson:
Eduardo Brandão
p. 36

Eduardo Ortega
pp. 7, 8, 25

Edouard Fraipont
pp. 18, 19-20

Falcão Jr.
p. 26

Rômulo Fialdini
pp. 6, 33-34

Rubens Chiri
pp. 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 21-22, 24, 28, 29, 30, 32

Bibliografia | Bibliography

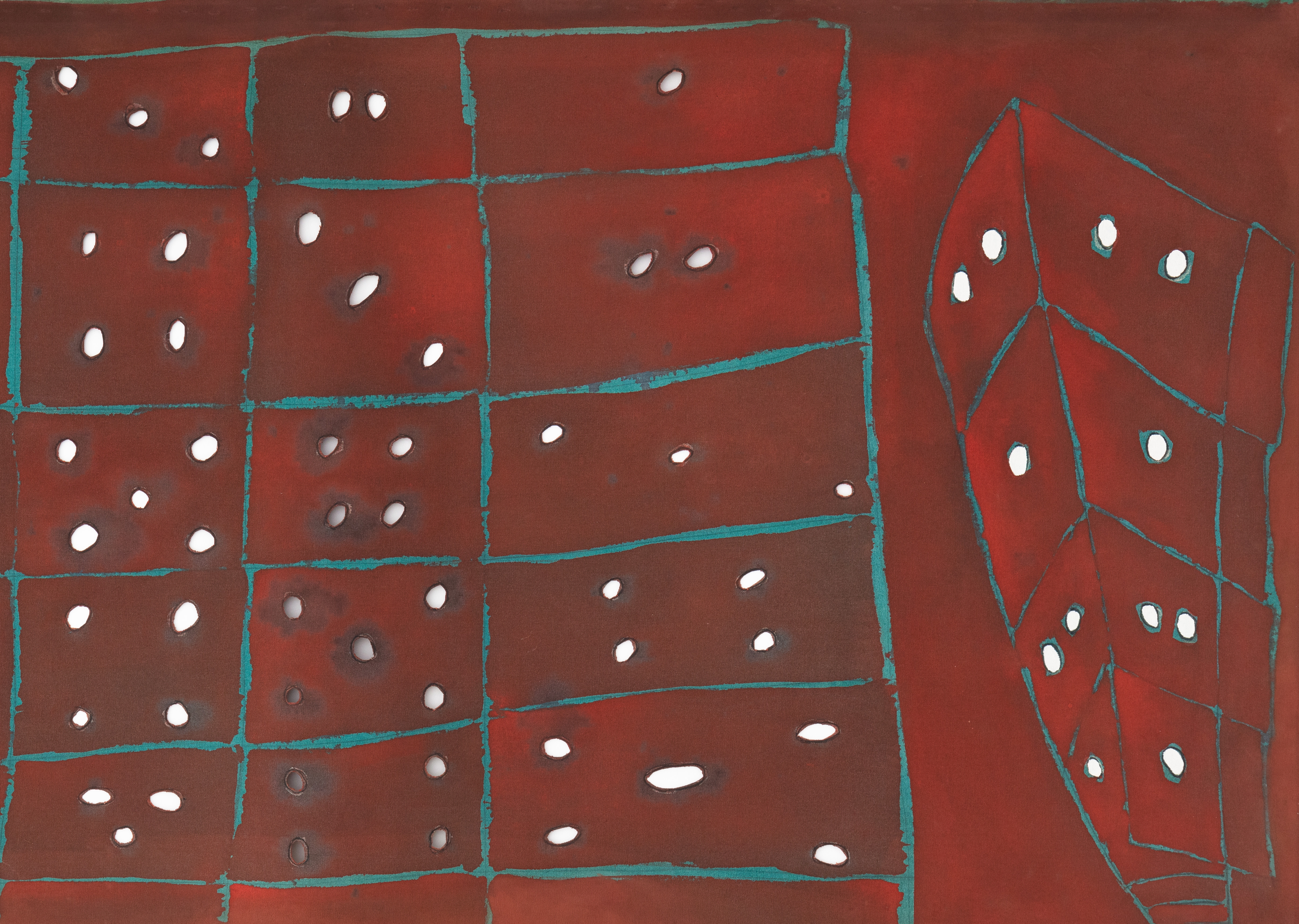
1 – 4. CAVAFY, Constantin. *90 e mais quatro poemas*. Tradução, prefácio, comentários e notas Jorge de Sena. Coimbra: Centelha, 1986.

5 – 8. Reprinted from C. P. CAVAFY: Collected Poems, Revised Edition translated by Edmund Keeley and Philip Sherrard, edited by George Savidis. Translation copyright © 1975, 1992 by Edmund Keeley and Philip Sherrard. Published by Princeton University Press and reprinted here by permission. All rights reserved.

TODOS OS ESFORÇOS FORAM FEITOS PARA IDENTIFICAR OS DETENTORES DOS DIREITOS AUTORAIS DOS TEXTOS E IMAGENS AQUI REPRODUZIDOS. EVENTUAIS FALHAS E OMISSÕES SERÃO CORRIGIDAS EM FUTURAS EDIÇÕES.

ALL EFFORTS HAVE BEEN MADE TO IDENTIFY THE COPYRIGHT OWNERS OF THE TEXTS AND IMAGES REPRODUCED HERE. ANY ERRORS AND OMISSIONS WILL BE CORRECTED IN FUTURE EDITIONS.

Publicação para a exposição "José Leonilson —
Que sejam muitas as manhãs de Verão"
de 03.04 — 04.06.2022

Publicação para a exposição "José Leonilson —
Que sejam muitas as manhãs de Verão"
de 03.04 — 04.06.2022

© Galeria Superfície
Todos os direitos
reservados